

raïssa lettière

o  
cochilo  
de  
deus



Rio de Janeiro, 2024

*Deus come escondido,  
e o diabo sai por toda parte lambendo o prato...*

*O que não é Deus, é estado do demônio.  
Deus existe mesmo quando não há.  
Mas o demônio não precisa de existir para haver.*

*Como não ter Deus?!  
Com Deus existindo, tudo dá esperança:  
sempre um milagre é possível, o mundo se resolve.  
Mas, se não tem Deus,  
há-de a gente perdidos no vaivém, e a vida é burra.  
É o aberto perigo das grandes e pequenas horas,  
não se podendo facilitar  
— é todos contra os acasos.  
Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho,  
pois no fim dá certo.*

GUIMARÃES ROSA, GRANDE SERTÃO: VEREDAS

# sumário

Alguma gênese	11
I. Tela estrelada	19
Noite estrelada	37
II. Adelita e el Libertador	63
El Libertador e Adelita	75
III. Quando o amor golpeia	89
Romance à flor da pele	105
IV. Corpos que se cruzam	121
Almas que se descruzam	133
V. O sofredor	147
O narrador	157
Algum genoma	167
Árvore genealógica	171
Agradecimentos	173

# alguma gênese

*Crear é a manifestação da Essência em forma de existência  
— criar é a transição de uma existência  
para outra existência.  
O Poder Infinito é o criador do Universo  
— um fazendeiro é criador de gado.*

HUBERTO ROHDEN

*No princípio, creou Deus o céu, a terra e os oceanos.  
Era a terra disforme e vazia;  
trevas cobriam a face do abismo;  
e o Espírito de Deus pairava sobre as águas.  
Disse Deus: Haja luz! E houve luz.  
E viu Deus que era boa a luz;  
e fez ele separação entre luz e trevas.  
E chamou à luz dia; e às trevas chamou noite.  
Creou Deus outras coisas, mas, detalhes como firmamento,  
desertos e oásis, praias e bosques, árvores frutíferas, flores e  
ervas daninhas, sol, lua, estrelas do céu e estrelas-do-mar,  
monstros marinhos, mas também pombas e cães...*

*Visualizou, então, um rio, dividido em afluentes,  
regando um lindo jardim.*

*Sobreveio a Deus a inusitada ideia  
de que esses apetrechos precisariam ser exibidos  
em um paraíso, com árvores desconumais,  
chamado também de Éden pelos hedonistas.*

*E foi assim que, a partir da concepção desse paraíso,  
começou a suceder-se toda uma confusão  
entre a magnitude da Árvore da Vida e a relevância da  
Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal,  
surgindo dessa discussão*

*um elemento não previsto no esboço original,*

*o Ego,*

*um mimo dado por Deus à raça humana;  
interpretado como fruto proibido até que o termo  
fosse reconhecido milhares de anos depois.*

*Chegou Deus ao auge da sua iluminação  
e, alcançando o Nirvana, disse:*

*Façamos (sim, no plural, o que fez toda a diferença)  
o homem à nossa imagem e semelhança  
(a mulher seria apenas a costela).*

*Reine ele sobre todas as coisas concebidas.*

*E creou Deus o homem à sua imagem;*

*à semelhança de Deus, ele o creou;*

*homem e mulher, ele os creou.*

*E Deus os abençoou e lhes disse:*

*Tudo o que foi criado por mim eu vos ofereço.*

*Sede férteis, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e submetei-a,  
e dominai sobre todas as coisas.*

*(Responsabilidade demais para seres que vieram do barro.)*  
Deus só não criou os artistas nem os músicos  
— e muito menos os poetas.  
Todos estes eram apenas um esboço sem retoque.  
Por esse motivo, passariam eles  
— artistas, músicos, poetas e afins —  
a vagar por este mundo de meu Deus,  
pintando telas, compondo sinfonias,  
poetizando a vida sem cumprir mandamento algum,  
experimentando a maldição de brincar de artífices.

Após Deus ter ofertado de bom grado ao homem e à mulher  
tudo o que havia concebido,  
deparou-se ele com uma série de fenômenos que passou a  
acometer, como uma epidemia, os seres da terra;  
fenômenos como lutos, lágrimas, cólicas menstruais,  
doenças e acidentes  
— tudo muito trágico e cheio de vítimas.  
Cansado, após tanto trabalho em vão,  
percebeu Deus que homens e mulheres não passavam  
de um grande estorvo à obra por ele criada;  
havia se tornado rabugentos,  
buscadores do Pai, confundidos com o pai,  
meninas rebeldes e velhos gabolas,  
homens dramáticos e mulheres sagazes.  
Desapontado com o desgoverno da sua criação  
e com os quiproquós das suas criaturas,

*assumiu Deus o posto de observador,  
e deu-se conta de que, para além de homens e mulheres,  
cuja única aspiração original era ser argila,  
havia surgido misteriosamente um ser que,  
usurpando o Ego proibido,  
presente sob domínio divino no paraíso,  
iria desmistificar cada detalhe  
da sua obra de Creador Supremo.  
Travestido, este ser marcaria presença  
em todas as eras da história da humanidade;  
com sutileza, se introduziria nas histórias de vida  
de cada criatura de Deus,  
com o intuito de aniquilar a criação divinamente concebida;  
e, com sagacidade, faria com que  
tradutores mal-intencionados errassem  
a origem da palavra latina creare,  
espalhando sobre a terra, em todas as línguas faladas  
e relinchadas,  
o uso equivocado do verbo crear,  
que passaria a ser aquele criar trivial que todos conhecemos,  
assim como triviais são as invencionices  
e vãs filosofias criadas por homens e mulheres,  
razão pela qual toda a humanidade,  
ignorante do sentido original e divino da criação,  
seria tão malcriada  
— e essa ignorância e malcriação fariam toda a diferença.*

*Sobreveio a noite e depois a manhã do penúltimo dia.  
Contemplou Deus toda a sua obra e concluiu que,  
além de não se sentir confiante ou esperançoso  
com aquilo que realizariam homens e mulheres,  
artistas, intelectuais, inventores, cientistas  
e, principalmente, políticos,  
não sabia o que fazer com aquele ser cheio de artimanhas,  
que passara a vagar sobre a terra;  
aquele ser que, ao se apropriar de detalhes banais —  
fossem eles existenciais ou lexicais —  
passara a questionar a criação divina,  
dominado pelo único desejo de não se tornar  
apenas a imagem e semelhança de Deus,  
ambicionando, vaidoso, tornar-se superior ao Criador,  
para recriar uma nova história para a raça humana  
e todas as coisas  
até então creadas.  
Tendo Deus visualizado a obra que realizara,  
concluiu que  
toda a concepção original tornara-se apenas  
um rascunho de mundo  
— e que tudo passara a ter uma originalidade  
muito duvidosa.*

*Tal foi a história da origem dos céus, da terra e dos oceanos;  
dos seres humanos, desumanos, inumanos, anti-humanos.  
No sétimo dia, desanimado, Deus repousou.  
E então foi a festa!*



AMOSTRA

# tela estrelada

*Uma árvore dançante rodopiando pela pintura  
desperta estrelas mortas e cadentes  
e embaralha a ordem do universo.*

*Na vastidão do deserto,  
o sonho do artista transborda da moldura,  
pincela, para além da solidão, fontes de água fresca,  
que preenchem o vazio ao redor da Árvore da Vida,  
enraizada nas areias do Éden,  
orvalhadas de pó de estrelas,  
no meio do deserto do Bahrein.*

POETA DO DESERTO

Querido bloco,

Hoje visitei o Museo de los Olvidados, um espaço minúsculo e insignificante, recém-construído na margem do riacho que passa pelo vilarejo. Na porta, exigiram que eu entregasse o guarda-chuva, a bolsa e o xale. Não carrego tantas coisas por aí e acho que uma pessoa não deveria jamais ser desprovida de seus bens. Preferiria que o local

oferecesse algum tipo de vigilância sobre mim, com meus pertences, a me sentir nua enquanto bisbilhotava as salas. Até porque tinha a convicção de estar ali apenas para enfrentar a monotonia cinzenta do dia. Tenho aversão a tudo o que diz respeito ao passado, com suas antiguidades e objetos de arte inúteis para nossa época, que deveriam mesmo ser esquecidos. Nunca me interessei por pintura, aliás, não gosto de arte alguma. Acho um tédio. Mas precisava provar a mim mesma que todo o alarde em torno do famoso artista oriundo deste vilarejo era um grande disparate. Que aquela exposição, que tratava de vazio, solidão, sons do universo, estrelas cadentes, tempestade de areia cósmica, Árvore da Vida, era apenas o delírio de um lunático que abandonou a realidade da vida prática do nosso povoado simplório para se refugiar em seu hospício mental, escondido no deserto de um país impronunciável. As pessoas aqui não têm condições nem interesse de dar atenção a um cidadão que recusou a sobrevivência dos dias. Já que a curiosidade — não apenas a monotonia — é a mãe de todas as tolices, acabei seguindo a multidão de jornalistas e fotógrafos que andava pelas nossas ruelas até o Los Olvidados para conferir o que já estava claramente protocolado no *El Acontecimiento*, nosso jornaleco local:

Com extrema satisfação, em um momento histórico para nossas paragens, celebramos a inauguração do Museo de los Olvidados, nosso primeiro espaço cultural. Elaborado e oferecido pelo Centro Nacional de las Culturas, de las Artes y de los Saberes, cujo estatuto abrange

homenagear, em cidades inexpressivas, artistas não reconhecidos mundialmente, o Museo de los Olvidados abre hoje as portas aos cidadãos do mundo e aos moradores locais para a exposição que inclui a *Tela estrelada* do nosso conterrâneo, o ainda desconhecido Pintor do Deserto. Sem dúvida, um momento único para aqueles que desejarem encontrar o que de mais valioso nossa terra tem produzido.

Preferiria dizer que foi o acaso — não a monotonia e muito menos a curiosidade — que me levou até aquele lugar certamente sem graça e de poucos atrativos. Mas, como a verdade não é necessariamente verídica, convenci-me de que o *El Acontecimiento* era o responsável por me fazer entrar naquele lugar profano e apertado para perambular pelos corredores e salas cheias de telas rasuradas em busca da obra do artista que nos abandonou.

Sempre fui o tipo de pessoa que aprecia fazer caminhadas longas pelos campos nos arredores do vilarejo, ou observar os seres sem importância que transitam nas ruas, as bizarrices que fazem enquanto flanam sem rumo ao longo dos seus dias esquisitos. Quando levo minha melancolia para passear, carrego um xale para me proteger do vento frio que circula por esta região, um bastão de caminhada, um chapéu de sol, óculos para a claridade, água e pão velho para as pombas. Ultimamente, tenho andado meio cansada de observar as pessoas, tão alienadas, caóticas e rebeldes. O mundo precisa de organização, de subordi-

nação hierárquica, para que haja progresso evidente. Não que eu desconsidere as inovações, mas gosto de saber que há uma ciência atestada por trás da evolução e que não estou sujeita à invencionice fértil de uns e de outros. Quanto risco. Quando cansada, gosto de me sentar em um banco de praça e assistir às minhas pombas pelejando pelas migalhas de pão que ofereço ou fugindo assustadas do cão vadio, maligno e fedorento que sempre passa rosmando, babando pelos cantos da boca, mostrando os dentes afiados, abanando o rabo pontudo como o do capeta, enfim, apavorando todos que, distraídos, perambulam pela praça, enquanto ele faz sua ronda. As pombas, pobrezinhas, são muito inocentes, e esse cão se aproveita disso para brincar com o pavor que lhes causa. Elas são também muito instrutivas e sutis. Voam sobre os turistas, esses invasores desprotegidos, que tomam a praça sem migalhas nos bolsos, lançando sobre eles seus torpedos vingativos, descarregando suas necessidades biológicas, destruindo aparências. Uma diversão. Tenho empatia pelas minhas pombas. A mim elas respeitam e veneram as hóstias que esporadicamente consigo roubar da sacristia. Assim como as pombas, sou daquelas que poluem os ambientes com impertinências. Em meu último ataque doméstico, fiz minha filha, minha última vítima, fugir para lugares distantes, vingando-me dela até hoje com a minha indiferença. Sempre a tão atenta indiferença.

Para minha surpresa, acabei ficando um bom tempo naquela exposição. Fui passando rapidamente por telas emolduradas, penduradas uma ao lado da outra. Figuras de pessoas e paisagens. Paisagens e figuras de pessoas.

Muitos autorretratos. Um aborrecimento. Se soubesse que veria, em telas tortas, cópias muito mal-acabadas do que encontro em minhas andanças, não teria entrado, mas ficado em casa com uma xícara de chá quente, recortando cupons de desconto ou organizando minha coleção de selos.

Nunca entendi os artistas. Dizem que eles tocam outra dimensão da vida e tentam traduzi-la por meio da arte a nós, simples mortais, que necessitamos de seu dom e talento para acessar sensações nobres. Que disparate. Quanta sandice já escutei na vida a esse respeito. Seriam eles, então, seres dotados? Seria, por acaso, um dom torturar pessoas simples com teorias e divagações sem sentido algum? Pessoas como eu, que precisam enfrentar o suor do dia, sobreviver ao tempo que corre sem lhes conceder prazer nenhum, enquanto esses artistas ficam por aí, usando seu tempo com excentricidades? Espero que Deus não tenha tanta consideração assim pelos artistas, mas pelos simples e normais deste mundo. Sou uma mulher pragmática, que entende de selos e cupons que oferecem sobrevivência e não existência. Sobreviver é o sentido maior da vida, não é mesmo? Estamos, afinal de contas, falando sobre viver — e é assim que eu aprendo sobre a vida.

Caminhei por corredores estreitos, passei por portas fechadas, portas abertas que davam para salas escuras e minúsculas, hidrantes e intelectuais, até chegar à tal *Tela estrelada* do Pintor do Deserto. Uma surpresa. Um choque. Uma decepção. Uma tela insignificante, pequena. Esse infeliz parece não ter compreendido nada sobre a vida. Definitivamente, é uma pessoa muito equivocada. Que pin-

tura bizarra. Por que um ser humano haveria de preferir fugir para um deserto para pintar a sensação do vazio em uma tela minúscula, enquanto o vazio que conheço é tão gigantesco? Sua tela com pintura de areia, árvore e estrelas não me fala — de forma alguma — desse vazio. O que eu sei de areia é aquela da praia próxima do nosso vilarejo, ocupada por pessoas, cães, comida e fezes. Para que falar de estrelas, se nosso céu tem algumas que admiro com minha luneta quando as nuvens permitem? Por que insistir em pintar uma árvore retorcida em uma tela despovoada, numa perspectiva que teima em aproximar a árvore de mim conforme avanço em direção ao quadro? Há algum sentido em pintar uma árvore no meio de uma paisagem como essa, principalmente quando há tantas árvores neste vilarejo em que ele nasceu?

Uma meia-luz em uma das salas dava um ar onírico, porém agradável, àquele ambiente cansativo, cheio de eruditos enfadonhos, conversando num tom de voz alto o suficiente para que os demais fossem atingidos pelo seu jorro intelectual. Um horror. Sentei-me em uma poltrona desconfortável na frente de uma parede cinza com aquele quadro insignificante, pendurado por cordinhas vacilantes, envolto em uma moldura de imbuia sem ornamentos. A placa ao lado do quadro reforçava que a tela era do tal Pintor do Deserto, que retratou a tal Árvore da Vida em data ignorada, em algum ponto misterioso de um país distante chamado Bahrein. Quanta informação inútil. No centro da tela, a árvore parecia rodopiar enlouquecida, dando a impressão de esbarrar nas estrelas que começavam a dançar e cair sobre os galhos e sobre as areias do deserto. Por